

O ESTADO

TERESINA, DOMINGO 9 DE ABRIL DE 1972



« A liberdade
de concepção
é contra
a pílula»

Interessante

Nicinha, minha nega, minha musa, gosto muito de você. Sabe nega, nós somos irmãos. Nós somos marginais. A gente faz parte da cortinália dessa imensa chapada. Você é uma flor murcha que saiu do centro da terra e fez a guerra. Você é uma figura linda nesse cenário tropical. É verdade, nega, esse povo a ama. Esse povo a adora. Você é aurora. Você é um poema vivo. É um poema de saudade. É um poema de loucura. Um poema de nossa gente curtida pelo sol do cais do Parnaíba. Um sonho. Um poema de cidade. Há qualquer coisa de regionalismo em você. Você se confunde com as ruas, com as praças, com o verde da cidade. Você se parece com os velhos ônibus da picarra, com o Mercado Grande, com o Mafuá. Você é uma coisa linda. Você é o marginalismo. Um encanto. Um canto. Veja, nega, que tudo isso diz tudo de você. Você também está presente na coluna da Elvira. Você também anda de salto alto no late Clube. Você também toma chá num clube de Ladies. Você é a menini-



nha que estuda no colégio das irmãs. Olhe bem ao lado. Você está em todos os lugares. A coisa mais linda que existe. Você veste as roupas da boutique da sonda. Você adora novelas da TV e fotonovelas. Você ainda tem aqueles discos do Agnaldo Timóteo? Ele fez uma música pra você? Não? Mas ele TAMBÉM é acionista de indústria no Piauí, não é? Veja, Nicinha, você é demais. Tudo em Teresina se parece com você. Você é louca, você é louquíssima. Você é uma loucura. Não tenha medo, nega. A loucura não é nenhum defeito. É direito adquirido nas ruas e nas praças. É uma mistura de sol tropical com política. Sabe, irmã, a gente pode apontar os loucos com todos os dedos das mãos. Eles estão nas placas luminosas, detrás da escrivadinha, nas chapas eleitorais. Nós estamos nas ruas. Nós somos do povo. Nós não somos autenticados com firma reconhecida. Eles são. Nicinha, você é linda com seu rosto pintado e seus óculos escuro. Você não é mulher. Você é folclore.

(Edmar Oliveira)

Hoje é difícil. Amanhã não dá. Poxa! mas ia ser legal se desse. Essas exclamações aí atrás vivem na boca de quem quer fazer alguma coisa de novo aqui. O negócio então é empurrar e furar e deixar sangrar. Como vocês facilmente poderão observar, este é o segundo número do Estado Interessante. É temerário dizer que não será o último, pois pode ser que você que está lendo morra logo após, ou depois do programa do Flávio Cavalcanti, o que fatalmente lhe garantirá uma vaga no céu. Vocês não podem ver que estou sorrindo ao falar neste número. Pena que este jornal não seja em cores, pra vocês verem o amarelo do meu riso, dos meus dentes. Nós estamos virando a canoa. É devagar que se vai ao fundo. Edmar, este magro louco, elege Nicinha nossa musa, com respeito, no que é apoiar todo o resto da cambada. E taca na cara de vocês uma poesia verdadeira, logo na primeira página. Eu tô aí do lado, prosseguido na minha missão de evangelizar meu povo. O Noronha, pessoa legal, além de nos emprestar sua máquina de escrever, está aí na terceira, com um Bate-Boca com o Pe. Homero. Em baixo, na mesma página, o Marcos Igreja, num artigo anti-Seleções, diz a vocês como voltar a fumar. Ary Sherlock, menino, falou: o Ary é ótimo e vocês vão ver que sim na quarta página. Acomodem-se em suas carteiras. Aparentem os cintos. Paulo José Cunha, profeta maravilhoso, lá do planalto manda via embratel uma Aulinha de Cultura, na quinta, página ao lado do artigo do mano Pê. José, tem a Coluna Marginal, autêntica coluna social desta terra. L. Cláudio, de leve fala de música e discos, na página seis. Depois de atravessar o ZUM ZUM da sétima, você vai ver que desta vez não desviaram a moeda. Só deu Cara. O Magro de Açº, defende o "Albertão". Na próxima semana o Coroa Tito Filho vai atacar. Então boa sorte e feliz viagem.

(Galvão)

E' meu nêgo, o negócio tá mudando. É preciso que a gente desempastele a mente, e que se escolha a semente pro plantio. E' preciso, antes de tudo, não confundir alhos com cebolas. O Arcanjo Gabriel tá pelaí anunciando os ventos rasteiros vindouros. É preciso tirar esta aura de mistério que envolve as coisas. Não se conhece o pau pela casca. Ou conhece? O jeito é a gente meter na cabeça que o certo é se viver, dar as coisas os seus devidos valores. O jeito é perder este costume de querer intelectualizar as coisas. É necessário reviver os nossos troncos. Reforçar os novos ramos. Cheirar a terra, a fogo, a mato. Cultura POP não é bicho de 7 cabeças. Não é Dragão da Maldade. Talvez seja Santo Guerreiro. POP é o nosso sentimento de Semana Santa, que cheira a bacalhau. POP é um «juda» amarrada pelo pescoço esperando a leitura do testamento pra morrer. POP é a alegria de matar, roubar, esconder, tomar, linchar, fazer, amar, enjoar, odia quem fez, invejar quem fez, admirar quem fez, sorrir de quem chorou por, desejar, reunir outras pessoas para vê, UM «JUDA». POP é romper a aleluia. É roubar galinha ao romper da aleluia. É namorar ao romper a aleluia. É dar uma surra prometida ao romper da aleluia. É brincar de prenda ao romper da aleluia. É assar batatas na fogueira ao romper da aleluia. É a liberdade de comer carne ao romper da aleluia. É preciso a gente ver que tudo o que vem da alma, que mexe, remexe com o povo é cultura. É a verdadeira POPular. É a cultura que nasce no meio do povo; que é extensa e importante. É que não pode sair do meio de origem, pois perde a sua finalidade e pureza. O que se deve, é atentar que é com o povo que está a cultura, a realidade. É destas coisas simples que se pode tirar os ensinamentos para levar na sacola pela estrada. É a escada pra gente chegar em cima de si mesmos. Torresmos, cuscus, Jesus, pilão, coco da praia, farinha de mandioca, colim, alpercatas, gibão, matulão, enxada, chapada, coice, foice, machado, xaxado, facão, baião, terreiro, macumbêiro, rumeiro, romeiro, coiteiro, macaco. É gente, no norte o sol é forte. Clareira, alveija, banqueira, queima, e, principalmente, ilumina. Aqui é ainda mais fácil se ver as coisas. O problema é só ajeitar o foco do do binóculo.

(GALVÃO)

FICHA

O Estado Interessante, suplemento dominical do jornal O Estado, transado aqui no Piauí nesse tempo de sol de abril. Feito por obra e graça do Espírito Santo, ajudado por Carlos Galvão, Edmar Oliveira e Marcos Igreja que dão o toque redacional e supervisionam os erros que não saíram nesse número. Tem como colaboradores o Jari Mossil, Luis Cláudio, Alberoni Lemos e Noronha. É apoiado moralmente por Arnaldo, Maninha, Toinho e France. São correspondentes: Zé Alencar, de Belém; Chico Pereira em Recife; Durvalino e Paulo José no Planalto Central. A diagramação é do Machado Neto e as fotos são conseguidas na base do choro. Esse aqui é o número 2 (dois), saindo na terceira semana de prenhez e não pode ser vendido separadamente.

Aulinha de Cultura

Paulo José Cunha - De Brasília
Obs. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas não é mera coincidência. Todos os nomes foram usados com a única finalidade de desmitificar o coreto.

Assim & assado. O resto tudo é ade us, coca-cola e allás. Todo mundo já falou e já disseu em unjssono. Eu sou muito mais deixar cair, deixar sangrar, deixar morrer. E duvidar de mim, quem há de? Depois que tudo aconteceu depois que os feridos se manifestaram é que eu apareço pra mandar o meu recado. Olha: isto não é nada, mas é tudo o que eu quero. Eu sou muito mais cantar a última de Caetano de Gil de Gal e etc e tal. Aquela que diz assim: "Let me present to you my folks, Volkswagen blues & néga, I spent so bilis-fully & coisas outras de abril. Eu não desejo dizer nada entendeu?

Pra todo mundo: alô. Agora sentem-se e escutem bem: era uma vez um rei que tinha uma filha muito bonita chamada Narda. Ela ia se casar com o Super Homem mas o Mandrake não estava querendo por que ele já tinha feito o diabo com ela e não admitia que outro lhe tomasse o seu quinhão do irono. Hitler a tudo assistia, entre um chope e outro. E foi aí que estourou a 3a. Guerra Mundial e Hitler teve de sair pra ir lutar no seu gabinete, que ficava bem em frente ao Carnaúba. O Fantasma não trabalhava mais, pois tinha se aposentado com a ajuda de um pistolão. Papo Donald e Tio Patinhas já não sabiam mais o que fazer, pois tinha chegado a Sêca no Piauí e acabado com as suas fazendas de porcos e as plantações de café. Enquanto isso estava acontecendo Napoleão Bonaparte estava em amigáveis conversações, com Jesus Cristo, que havia descido à terra e não conseguia encontrar a casa de Madame Bovary, onde se hospedaria. Mas Jesus começou o seu trabalho mostrando a todos as tábuas da lei, que havia roujado de Moisés, o qual não queria mais nada com o bolo, e deitou fiação na rua inteira, começando pela Praia do Flamengo até o Porenquanto, através das ondas famosas da Rádio Difusora de Teresina. Nesta época aconteceu um terremoto, no qual o Kennedy morreu, vocês não se lembram? Pois é. E em meio a tudo isto apareceu Caetano Veloso. E Gil de pistola em punho, afastava todos os que queriam tocar no Rei da Bahia. Marilyn Monroe, entre os Sete Anões, fazia strip-tease bem no meio da Getúlio Vargas enquanto Karl Marx, que agora era Diretor do First National City Bank, um dos maiores capitalistas da época, deliciava-se a observar as curvas da linha crioula que o Rio de Janeiro havia produzido. E de dentro daquela nuvenzinha cinzenta que gosta de estacionar aí bem em frente ao relógio da P.H., desceu um anjo com uma espada de fogo. Adão, que já não queria nada com Eva, pois já andava afundado com a Elisabeth Taylor, se mandou e foi pra Suécia, onde já havia

o divórcio. Por lá encontrou com Che Guevara e, se não me engano, foram juntos fazer revolução na Praça Rio Branco. Mas o anjo que desceu da nuvem, que não era outro senão o Prof. Ari, foi pruma das emissoras de rádio e andou falando das delicias da mini-saia, defendeu a moral e os bons costumes. Quando acabou de falar, entrou no "Albertão", o velho estádio de Futebol, que brevemente iria ser substituído pelo Lindolito Monteiro e foi ver um River-Flamengo sensacional. Na entrada deu uma esmola pruma criancinha faminta e sentiu-se puro. Como um anjo. Além da esmola (5 centavos, me parece), ele explicou pra criança o valor literário do último livro de Camões, "Macunaima", que estava saindo agora e o tamanho da Asia em relação à América do Sul. A criança dizia que queria era comida e amor, mas ele dizia que tudo isto era em nome da moral e dos bons costumes. O Edmar, que não é otário, andava às voltas com Nixon, que lhe havia proposto casamento. Os dois entraram um dia na Igreja do Amparo e não encontraram outro senão o Paulo Francis, do Jornal Tribuna da Imprensa, que, como cardeal que era, lhes deu a bênção e os casou solenemente. Por esta época começaram a surgir em Teresina os primeiros automóveis. Durval comprou logo um Bugre e foi visitar Tiradentes que andava muito doente com os problemas de uma corda que se tinha emaranhado em seu pescoço. Conversaram e entabularam como encontrar com o Recruta Zero e o Cavaleiro Negro, os quais andavam fazendo musquinhas pro próximo Carnaval. Sabedores que os dois eram frequentemente vistos lá por perto da Pça da Bandeira a paquerar as garotas da Escola Normal, rumaram para lá e se encontraram. Deste encontro saíram os planos da Revolução Francesa, que logo depois se iniciou. Enquanto isso tudo acontecia, o Anjo Ari proferia palestras e conferências sobre a moral e os bons costumes, na Universidade do Piauí, a qual ia de vento em pópa produzindo cada dia mais padres e sacristãos, pois que teve a sua sede no Seminário de Teresina. Aconteceu, porém, que o Rei Dom Manoel proclamou a República e Pedro II fez-se o primeiro imperador do Brasil. Seu primeiro ato foi cassar o mandato de Indira Ghandi que havia se tornado lesbica e só falava no seu casamento próximo com a Rainha Elisabeth. Ora, todo mundo sabe que o Herculano gostava de ir fazer pic-nic no Piauí, que na época era uma fazenda muito próspera, acompanhado de Onassis e Luther King. Este último havia se casado com a filha do Nixon, próspero fazendeiro golano e estavam vivendo às mil maravilhas. Inclusive Onassis comprou um late e gostava de ir navegar pelo Rio Parnaíba, que, na época, ainda desembocava no Oceano Índico. E naquela tarde de quinta-feira o late afundou (vocês sabem demais disso). "O DIA" fez a total cobertura jornalística do acontecimento). E afundou em ple-

Coluna Marginal

Estado de Espírito —

É preciso muito saco pra gumentar essas briguinhas de vereadores. É um xinga-xinga dos diabos. E o pior é que é como briga de comadre: só de lingna. Depois tem os famosos tapinhas nas costas. Isso é influência da televisão: parece com as brigas do júri do Flávio Cavalcante

Estado de ânimo —

Omati, o Clecius Ribeiro da Câmara, jurou que amassa a cara do «Denner». É briga da tribuna popular contra a sofisticada.

Estado Maior —

O Ceará mandou Romey com fora de série, pra concorrer na rede Poty de competição, via Embratel. Ai, o Herculano, o briguento Sérgio Bitencourt, não gostou e pediu pra produção que tirasse o quadro do ar. Não estava no script.

no Canal de Suez, onde cariocas e alemães disputavam as terras onde hoje está fixada a cidade de Constantinopla, que depois foi tomada pelos turcos, ano passado. Mas o Anjo Ari cansou-se de vomitar cultura assim a toa e foi até a casa de Jorge Amado, que ficava bem ali em frente ao Meduna, no meio da Saralva, e discutiram três dias seguidos acerca do conteúdo do último livro de versos do Flôel Castro. "O DIA" estava faturando uma nota com o lançamento do livro e superava em muito o jornal editado em Tumor, o "New York Time". O resto da estória vocês todos já conhecem: o Anjo Ari foi condecorado Cavaleiro da Ramha no mesmo dia em que os Beatles receberam também esta condecoração. Foi eleito Presidente da Academia Piauiense de Letras, depois Presidente da Academia BRASILEIRA de Letras, um velho desejo seu. Depois que morreu foi homenageado com uma rua que hoje tem o seu nome e, como não queria deixar de prestar seus relevantes serviços à comunidade piauiense de qualquer movimento de vanguarda cultural que faça aqui...

Ary Sherlock falou . . .

O panorama teatral aqui está mudando. Parece que o piaulense compreendeu bem o que o Projeto Piauí está querendo e tentando e pondo em prática. E o nosso Governador (sem saco) está com muitas boas intenções. Pelo menos a gente já sabe que ele tá querendo remodelar o Teatro 4 de Setembro. E a principal coisa para que se faça teatro é uma casa de espetáculos, embora possa-se fazer teatro até no meio da rua, dependendo isto de que o centro seja adiantado. Nós não temos tradição teatral, por isso é necessário mesmo uma boa casa de espetáculos. Eu acho que o panorama mesmo não visto da ponte, tá legal.

Podem me chamar de burro. Shakespeare é ótimo mas é muito chato, eu prefiro Plínio Marcos.

Integração, faz parte da tese defendida por esse antropólogo magnífico que é João Ribeiro. A cultura é um dos grandes passos na integração. E o teatro é exatamente uma das fontes de cultura, de maior comunicação onde se pode dizer muita coisa. Onde se pode ensinar, sem se fazer sentir o didatismo da coisa. E aí é o que o projeto Piauí sabe, sabe acha vê.

A Televisão devia ser arte. Porque ela tem seu campo estético, sua maneira de expressão plástica embora que não se já encarado neste sentido.

Eu escrevi a Tragédia do Gólgota, baseado em textos bíblicos, baseado no Garrido e o fiz mesmo daquela maneira em versos justamente para dar um aspecto da tragédia procurando fazer teatro clássico. Mas nesta época de semana santa é este tipo de teatro que vai de encontro ao povo. Porque fazer teatro no Brasil, um país tão grande onde a dramaturgia é tão pequena, é difícil. Então a gente tem que primeiro ir de encontro ao povo, ir buscá-lo e ele sentir teatro assim bem comum bem cotidiano bem rasteiro, para através desta maneira, chegar ao teatro intelectualizado, chegar ao teatro de verdadeira cultura mas eu acho que se pode melhorar, logo que se tenha uma casa de espetáculo, o nível de espetáculo, o nível artístico o nível de texto mesmo com os recursos técnicos que teremos. Mas por enquanto é impossível. A gente tem que continuar fazendo este tipo de teatro.

Eu acho o Piauí um celeiro imenso de talento. Apenas o talento existe ou não existe. Mas quando ele se exterioriza tem que ser conduzido por intermédio de uma técnica, isto é sabido. Então, o que falta é esta técnica este ensinamento a tantos talentos que nos temos aqui. Por exemplo no campo da música, eu ou

vi uma composição do Galvão, que puxa, eu vidrei. É bacana mesmo. Então se ele tem campo pra cultivar isto e por exemplo se o Reginaldo vier aqui o negócio vai. A turma daqui tem talento de sobra em todos os setores da arte. Falta apenas a técnica para que este talento possa se exteriorizar.

Por mim eu gostaria de uma união no nosso teatro. Logo que eu cheguei aqui, fui requisitado para um grupo, e neste grupo eu tinha que ser exclusivo teve discussão, quase briga, por causa disto. Puxa o que eu na minha experiência todo em teatro, em tanto estado tanto cursinho aprendi eu achei então que eu deveria dar aqueles que não tiveram a oportunidade que eu tive de fazer estes cursos. Então eu resolvi não pertencer a nenhum grupo e sim a todos.

Todos os que quiserem minha colaboração eu tô lá. Eu não distingo nem Tarciso, nem Campos, nem Santana pra mim é um grupo só. Se entre eles há alguma coisa eu desconheço e fico na minha e eles na deles.

Quando falo em teatro de encontro ao povo, não digo que vou fazer teatro nas ruas. Pois para isto era preciso que nós tivéssemos uma tradição teatral. Eu falo é fazer teatro da maneira que o povo entenda e passe a gostar e a frequentar teatro.

Emiliano Queirós e eu começamos muito garôtos, fazendo promessas para passar no teste de teatro. E começamos a fazer teatrinho justamente na semana santa. Depois foi que nós partimos assim para um teatro mais sério, ou com pretensão de sério porque apesar de adorar a Rachel de Queirós eu sei que ela nunca será uma teatróloga. E nós encenamos "Lampião". Ela veio do Rio nos assistir. Enquanto todo o Rio reclamava o direito de montar esta peça nós com a nossa nova madrinha do teatro Experimental de Artes, Alba Frota, que morreu no desastre com o presidente Castelo Branco, demos um furo e fizemos a primeira apresentação nacional da peça de Rachel de Queirós. Foi nesse tempo que intensifiquei meus laços de amizade com o Emiliano e hoje somos como irmãos. Toda vez que eu chego no Rio o Emiliano não quer me deixar voltar. E ele está com vontade de montar no Rio a peça do Prof. Campos Auto do Lampião no Além. Com o Jece Valadão, eu e Emiliano tínhamos acertado um filme, mas eu não esperel.

Eu adoro o Rio mas as vezes ele me enche, então eu sou mais ficar aqui no Piauí, pois o Piauí ainda está precisando da gente. E a Glaúce Rocha, que pra mim é gente a peça, disse-me (uma vez quando eu disse a ela que queria ir-me

embora, que já estava cansado disso) Não meu filho tu ficas aqui até que o teatro esteja feito, depois vai para um lugar onde não haja teatro e cria um teatro lá. Eu não sei se terel tempo.

Eu fiz uma entrevista em que me perguntaram se eu era contra ou a favor do homossexualismo. Eu digo o seguinte eu não sou nem a favor nem contra, eu aceito porque é uma realidade. E quanto ao homossexualismo no teatro eu acho que isto é um plá muito errado, porque ele existe em os setores da vida. Acontece que quem aparece mais é quem tá em cima do palco para o povo todo ver, e a vida particular difundida divulgada em todas as revistas em entrevistas, e tudo o mais. Homossexuais existem na beira do rio, no pescador e lá no índio em qualquer tribo.

Puxa, o Rádio do Piauí tem que melhorar. É raro a gente ter hoje em dia um programa em que a gente possa vibrar. O Rádio tem que ter uma mudança radical. Eu acho que os nossos disc-joqueis, os nossos homens de rádio deveriam ser melhor escolhidos.

Eu acho perfeitamente válido o programa do Roque Moreira, e sei que é o programa de maior audiência da radiofonia do Piauí. Mas, eu acho que se o Roque pudesse, e gostasse ele podia botar sempre o gosto da empregadinha e de vez em quando dava uma pitadinha de uma coisa mais legal pra ir condicionando a mentalidade desse ouvinte. Por que até no meu programa que vocês graças a Deus, gostam as vezes eu joga uma ária de ópera. Eu sei que mesmo o meu público que chamo a Pateta da Intellecta, discorda, mas eu dou ma dosezinha porque a turma vai se acostumando e vai ficando com um gosto eclético. Porque sinceramente eu adoro desde a música mais simples até a erudita. O que é Bom não precisa de rótulo.

Antigamente eu achava que era falta de patriotismo eu estar escutando música estrangeira. Hoje eu fico na minha. Pois música não tem barreira. Eu entrei na do Caetano e na do Gil.

COMERCIAL

Prendemos excursionar com a Tragédia do Gólgota, por todo o interior. Também estamos aí com o Santana e Silva com Maria da Ponte. E logo mais faremos outra peça com o José Mendes Carvalho que é um moço muito esforçado e com uma certa cultura musical. Ele será o Diretor de Produção desta grande peça que é Transa, eu fui convidado a dirigi-la. A gente já está pensando em termos de um teatro novo. Encenaremos O Pagador de Promessas, de Dias Gomes. A Raposa e as Uvas, de Guilherme Figueiredo e muitas outras.

Lá com interesse e respeito o seu artigo sobre divórcio publicado no suplemento dominical "O Estado Interessante" do jornal O Estado. Quero salientar de princípio que o tenho a maior consideração devido às posições que tem tomado frente a alguns problemas que tem surgido ultimamente na problemática do mundo moderno. (Fora outras que não poderia citar por motivos óbvios). No início do seu artigo vemos a sua declaração, e isto é importante, que vai falar como um particular colocando de lado a sociedade a que pertence. O homem ou a mulher nem só em relação ao amor como em relação a qualquer outra coisa tem sempre um caráter de exclusividade. Isto não quer dizer que seja nato da espécie humana. Que seja um caráter natural, isto nos foi imposto através dos séculos por uma sociedade opressora. Isto é resultante de uma regra feita por nós. O resultado é que foi tirado a parte socializante, sendo obrigada a ficar latente, reprimida e talvez até esquecida. Desenvolveu-se um apêndice que foi o egocentrismo. A luta pela destruição do próximo. A rivalidade humana foi

crescendo e estimulada por motivos que não nos cabe citar agora. Ora Pe. Homero com a continuação da leitura cheguei à conclusão que não haveria necessidade de tirar o padre para poder falar. A sua opinião não teria alterado em nada se você tivesse conservado o seu Título. O que me pareceu é que você estava com vontade de dizer uma coisa e não teve a abertura necessária. Ficou num jogo de empurra, empurra, e não foi objetivo como foi a Dra. Fides. A Dra. foi contra, deu suas razões e brá. O Sr. procurou dar algumas razões que o justificasse e não foi feliz. Uma das suas razões: "Os divorcistas apelam para o fato de certos casais se angustiarem depois do casamento, situação difícil realmente, e que não pode ser resolvida com a vida em comum. O problema de angústia é um dado da natureza humana. O homem se angustia por vários fatores". Ora, tá certo que um dos apelos dos divorcistas dentre inúmeros, é o da angústia de não poderem viver juntos por uma incompatibilidade qualquer. Mas prendendo-se a este fato-angústia, mesmo que ela exista temos necessida-

de de, pelo menos, procurar-mos afastá-la. Não é por procurar-mos que vamos perder a nossa condição de homem. Não só esta angústia mas todas as outras tem-se que procurar uma solução. No caso, a solução seria o divórcio. Um pouco mais na frente o Sr. fala... "aqueles que fazem realmente o casamento é o casal, o homem e a mulher. Não é o padre. O padre dá um testemunho social de igreja ou testemunho de comunidade". Eis aí um fator interessante. Se é o casal que faz o casamento de livre consciência, logo é também de livre consciência tem o direito de desmanchá-lo. O padre não deveria meter o seu bedelo a não ser dar seu testemunho de igreja. Aqui surgiria a célebre pergunta: e os filhos? Imaginem vocês os filhos serem criados num lar desajustado. Todo o substrato da formação da personalidade seria deturpado. É preferível que vivam com outro "pai" ou com outra "mãe", mas sejam felizes.

(Noronha)

Como voltei a fumar' ou, FUMO, logo existo

Eu já tinha deixado... Não suporta mais cigarro. Tava dum jeito que não queria nem que uma pessoa fumasse perto de mim. A fumaça me incomodava paca. Me deixava quase asfiziado. Acha sempre que o camarada tava ali por tino porque sabia que eu não gostava de cigarro. So pra chatear. Terminava sempre saindo de junto do sujeito mal educado, sem mocos... E quando alguém fumava em meu quarto? Ih Era aquela bronca. Sabe como é, né? Na casa da gente a gente manda, grita e o diabo aquatro. Então eu dizia que estava poluindo o ar. Não vê que aquilo era prejudicial à saúde. Como era que eu ia dormir respirando nicotina... E outras paparricões.

Mas tudo isso era porque eu não fumava mais. Eu já tinha deixado. Bom, vai daí... Eu comecei a ler uns negócios contra fumo. Pra todo lado que eu me virava lia algo contra "esse vício maligno". Era "Seleções", revistas médicas, umas revistas bíblicas que tem por aí. Brochuras como "O fumo e o Câncer do pulmão" trabalho em periódicos, etc. Aquilo me chamava a atenção. Ai eu fui me

interessando pela coisa. Lia tudo que encontrava sobre lo problema. Cada uma tinha uma solução diferente para a questão "deixar de fumar". Os argumentos contraditórios se chocavam e a gente ficava numa confusão tremenda: quem tinha razão? Quem não tinha? Enquanto isso eu caminhava por sobre uma terminologia tsabagística e cancerística (todos eram unânimes em dizer que o fumo dá câncer, mas somente nisso) e me familiarizando com a nicotina, o furfuro, a acroleína etc.

Bom, vai daí... Eu já tinha deixado, né? Eu andava lendo esses negócios todos atrás de consolidar minha posição. Não queria voltar a fumar. Ai um dia eu li um depoimento de um cara em "Seleções" (revista especialista neste assunto), ensinando a gente a deixar de fumar. Ele dizia que antes de tudo voce tinha que descobrir porque fumava. Ai eu fixei aquilo. Se eu via uma mocinha fumando, eu me perguntava: Será que essa garota sabe porque fuma? Depois trouxe o problema pra mim mesmo: por que eu fumava? Não sabia. Não me enquadrava em nenhum dos tipos de fumantes que a revista falava (nervosis-

mo, auto-afirmação, in@comunicabilidade). Então porque eu fumava? E porque eu deixei de fumar? Também não sabia. Pra mim saber porque eu deixei, tinha que saber porque fumava. E pra saber porque fumava, tinha que voltar a fumar e observar as próprias reações. Um problema.

Tava nessa confusão danada, quando apareceram umas propagandas bem bolidas sobre café: "Nada como um café atrás do outro". Ai eu (que não toma va café) entrei direto no bruto. E como essa bebida puxa cigarro quando deipor mim tava dom um no bico. Ai foi o jeito voltar a fumar.

Eu contei esse caso pro um amigo meu que é entendido, e ele disse que isso são os efeitos negativos das campanhas oficiais. Sei não. Eu sei que hoje eu acho tão legal fumar. Não pretendo mais deixar de. Pôxa. É tão bacana voce botar um cigarro entre los dedos e ver aquela fumaça toda cheia de curvas subir pro céu... E quando você dá uma tragada e sopra com toda força? Ai você sente que está bastante vivo. E como é bom está bastante vivo... Fumo, logo existo.

(MARCOS IGREJA)

Música e discos

L. Cláudio

DIONNE WARWICKE

Desde a gravação de "Don't make me over", seu primeiro sucesso em 1962 Dionne Warwick não deixa de estar presente nas paradas de sucesso em todo o mundo. Ela é a responsável pelo êxito da maioria das composições da dupla Bacharach e David que confiaram a Dionne o lançamento de "I Say a little prayer", "Valley of the Dolls" e "I'll never fall in love again". Durante os dez anos de sua carreira ela recebeu vários prêmios sendo em 1969 eleita nos EUA a "Mulher do Ano", Melhor Vocalista nos anos de 64 e 70 e prêmio "Image" de Melhor Cantora em 1971.

O Presente LP nos traz uma nova seleção de dez músicas maravilhosamente interpretadas por Dionne, sete das quais levando a assinatura de Burt Bacharach e Hal David, responsáveis também pela produção do disco. Merecem destaque especial as faixas "Close to You" e "Love Song", esta última fugindo um pouco ao estilo de música a que estamos acostumados a ouvir com Dionne, e impressiona a maneira como ela enriquece uma harmonia limitada a dois acordes. As demais faixas do álbum são também excelentes contando com primorosos arranjos orquestrais que valorizam de sobremaneira o trabalho vocal de Dionne Warwick.

GILBERTO GIL está selecionando as trilhas para um LP com a gravação ao vivo de seu show em Recife. O disco será editado pela etiqueta Pirata, uma subsidiária da Philips que se encarrega exclusivamente do lançamento de gravações ao vivo.

Já está pronto para ser lançado nos EUA o último LP do Creedence Clearwater Revival, agora reduzido a um trio. Possivelmente serão também editadas em disco as gravações ao vivo da última excursão do grupo pela Europa.

Não entendemos a demora da RCA em colocar no mercado o LP "BOMBA" (é esse mesmo o título do disco) com a sensacional dupla Antônio Carlos e João Café. O álbum está espetacular e mostra mais uma vez que o samba está mais vivo do que nunca.

Novo LP de Dionne Warwick, o primeiro pela sua nova gravadora Warner Bros, editado no Brasil pela Philips. (Abaixo).



A etiqueta Tape Car colocou no mercado dois excelentes lançamentos internacionais: "GOT TO BE THERE" com o garoto Michael Jackson (componente do Jackson Five) que aparece neste LP como solista e o álbum de dois discos "Rare Earth In Concert" com gravações ao vivo do conjunto Rare Earth, disco muito bem apresentado numa capa sensacional.

CONCERT FOR BANGLA DESH, o álbum triplo do memorável concerto realizado por George Harrison no ano passado foi finalmente lançado em sua edição brasileira pela CBS. O disco é absolutamente "hora do gibi" e valoriza-se ainda mais por ser gravado ao vivo sem sofrer retoques posteriores em estúdio. "My sweet Lord", "Something", "Here Comes The Sun" e "It don't come easy" são algumas das músicas que constam do álbum, além de um concerto de raga indú executado em cítara por Ravi Shankar e da sensacional apresentação de Bob Dylan.

Já estão nas lojas os LPs "Mutantes e Seus Começas no País dos Baurets" e um sensacional lançamento do Zimbo Trio intitulado OPUS POP, contendo arranjos em ritmo de samba para vários temas clássicos, um trabalho de fino bom gosto para o discófilo exigente.

Continuam correndo em todo o mundo os rumores de que os BEATLES poderão voltar a atuar juntos ainda este ano. No ano passado George e Ringo tocaram juntos no Concerto de Bangla Desh. Recentemente, Paul McCartney e John Lennon se encontraram amistosamente no Greenwich Village em Nova York, onde foram vistos bebendo e batendo o maior papo. Por outro lado, algumas rádios americanas estão programando intensamente velhos sucessos dos Beatles, sendo que em janeiro último uma estação de San Francisco chegou a dedicar-lhes um dia inteiro de programação. Será tudo isto uma preparação para a volta do mais famoso quarteto musical da história?

Zum

Zum

Atividades suspeitas

Ser deputado das classes humildes e possuir carro de luxo.

Combinar uma coisa com os colegas de bancada e fazer outra quando o coronel Jofre vai a São Luís.

Trabalhar dia e noite na construção e quando o hotel ficar pronto e bonito não poder botar os pés lá dentro.

Ser jornalista e pagar ao dono do jornal pra ter a coluna publicada.

Falar mal de projetos e de uma hora para outra botar o próprio nas alturas.

Não deixar que deem o próprio nome a estrada e meter a viola no sacó quando não é estrada.

Ser eleito pela UDN, vibrar com o PTB e depois virar figura importante.

Ser católico e na hora de pegar vo- to frequentar terreiro de macumba.

Dizer pros amigos que fez um programa com uma garota espetacular e de noite rondar o Centro de Saúde.
(Antares Filho)

PRA QUE?

"Detalhes" lançada pela excelente amiga Elvira Raulino, é a melhor revista do Piauí nos dias que correm. Tem aqueles defeitos como impressões fraca e coisas que tais, mas não se pode lançar a culpa disso à confeiteira. Só faço um reparo sério: "Detalhes" está seguindo a moda descabida de acrescentar, antes do nome, o gênero de publicação, botando lá "Revista Detalhes", assim como apareceu "Jornal Tribuna Democrática". Nada disso é preciso. Quem botar os olhos num jornal jamais irá confundir com um jacaré ou dicionário. Quem pega uma revista não julgará que se trate de uma locomotiva ou tabuada. Pra que, então, "revista" no logotipo? (Alberoni)

MANCADA

O livro "Transamazônica", produto de uma viagem de jornalistas de São Paulo pelo traçado da rodovia do mesmo nome tem uma informação engraçada: a usina de Boa Esperança fica

na "fronteira de Maranhão com Goiás". Tal: eu não sabia que o nome de Piauí tinha sido mudado. (Alberoni)

MACACHEIRA

Entreouvido lá em casa mesmo:

— Fulana, você já comeu macacheira?

— Já

— Doi?...

(Marcos Igreja)

LONGE DAQUI, AQUI MESMO

Enquanto as duas emissoras locais que transmitem o futebol se preocupam mais em copiar slogans das suas colegas do sul do país, a condição técnica das suas transmissões está péssima. Quem ligou para a Difusora ou Pioneira para ouvir os jogos de domingo tinha a impressão que ambas estavam transmitindo da lua, ou de mais distante ainda. Assim, sim. Mas assim, não. (Jari Mosil)

ENDEREÇO

O nosso endereço é rua João Cabral 417-N. Escrevam que no próximo número abriremos a seção de cartas. Enviam também qualquer colaboração que aceitamos, damos uma oitadinha e publicamos.

(A Gerência)

THANK YOU

Queremos agradecer ao Pe. Homero Bentes Lopes e a Dra. Fides Angélica, pela colaboração do número passado, e a Ary Sherlock e Prof. Carlos Said que colaboraram neste número.

(A Gerência)

EU, HEM

Olha Edmar, eu não sou contra a multa, não. Eu sou a favor da louira. (Marcos)

MIOPE

Essa é do Pedro Paulo (um amigo meu, você não conhece não), citada, pelo Raimundo Wilson (outro idem): "Não acredito em amor a primeira vista porque sou miope". (Marcos Igreja)

"A LUTA"

Se fazer jornal em Teresina é meio

difícil, vocês imaginem no interior do estado: difícil e meio. Mas isso não intimida a todo mundo e a gente vê de vez em quando alguém querendo fazer alguma coisa. Assim é que, com sangue, suor e lágrimas a turma tira "A Luta", jornalzinho de Campo Maior que está a fim de. A luta é realmente uma. E é dirigido pelo Ergani Napoleão e o

VIVA O AUGUSTO

Agora é que eu vi o quanto o Augusto Borges é bom. O Flávio no Ceará foi pior que o Show do Mercantil (Edi).

SOCIAL DESTACADA

Nascida em mil oitocentos e antigamente, dona Maria Maior completa mais um aniversário hoje. Seus amigos Chico Viana, Waldemir Moura, Carlos Augusto, Francisco Figueiredo, Wilson Fernando, Paulo B. Sá, Aluisio de Castro, Ary Sherlock e Ribeiro, Jari Mosil, Norberto Alves, Sandro R. Monteiro, des Carlos e outros mamíferos vão comemorar a aniversariante com uma mesa de doces e salgadinhos. Haverá farta distribuição de pirulitos de tábuas, rapadura, aluá, cuscus, garapa de cana, quebra-queixo, picolés e gelado da beira do Parnaíba. Não será permitida a entrada de penetras. (MANELAVIÃO)

DIREITA FESTIVA

Tem uns (umas) caretas por aí usando roupas com desenhos que arremedam as insígnias das forças armadas norte-americanas. Certamente esses debilídeos se consideram "avançados", atualizados, mas meu recado é este:

Quem é atualizado, atualizado de verdade, deve saber que está havendo uma coisa que se chama guerra do Vietnã, que não comento porque ninguém tem o direito de ignorar o significado daquilo. Pois olhem: coisas como "US navy", "US army" e "USaf" só cheiram a Vietnã. Procura se mancar, pessoal. (Alberoni)

EXCEÇÕES

O Governador disse que jovens piauienses são os mais inteligentes do Brasil. Nem todos: alguns que ficam por aqui. (Alberoni)

CARA

Carlos Said, homem de sete instrumentos, toca futebol pra gente. E fala porque que o «ALBERTÃO» vai ser legal.

Pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, organizando todas as atividades desportivas no Brasil (criando o CND; a CBD; as Federações), é obrigação dos Governadores do Estado construir estádios nas principais cidades. O Governador Alberto Silva está cumprindo dispositivo daquele Decreto-Lei que, além de instituir as atividades esportivas determina ajuda específica às atividades amadoristas em todo o território nacional. O "Albertão" é uma decorrência do Decreto-Lei nº. 3.199.

Segunda:

Em 1943, Teresina possuía três Estádios: o da Piaçã; o do 25º BC e o Lindolfo Monteiro (Prefeitura). Cerca de 30 anos atrás, a população de Teresina era de ordem de 40 mil habitantes, aproximadamente. Atualmente, a capital do Estado do Piauí conta somente com um Estádio (o da Prefeitura), quando é sabido que a população teresinense é estimada entre 230 a 250.000 habitantes. O exemplo é motivo de orgulho para nós ou atraso no terreno portivo onde se deve pretender um empenho na formação física e cultural dos jovens?

Terceira:

Em 1960, quando Intervento da Federação Piauiense de Desportos, com passagem brilhante pois organizou a entidade desportiva estadual, o professor A. Tião Filho fez constar em uma das atas, após reunião que redundou em eleições presidenciais, que não era mais possível Teresina contentar-se com um Estádio porque a mocidade ansiava pelas práticas desportivas, notadamente o futebol. As verbas para a construção são específicas, saídas naturalmente de organismos próprios como CND; Loteria Esportiva, conforme planos do Governo do Presidente Médici.

Quarta:

A construção de Estádios no território brasileiro é fenômeno natural. Os Estados do Paraná, Santa Catarina e Goiás, partiram para a construção de praças desportivas compatíveis com as necessidades desportivas das capitais que desejam servir como palco as grandes competições do futebol "association". Por que o Piauí ficaria indiferente, quando o Presidente Médici é o incentivador para que se realizem essas construções? Em Brasília, estão prontos os

projetos para a construção de um Estádio para abrigar 100 mil espectadores. Qual será a população de Brasília? Não poderamos acreditar no Piauí como capaz de "projetar-se" desportivamente? Ademais, estamos cumprindo com a nossa obrigação porque não dispomos de Estádios. O Lindolfo Monteiro é apenas CAMPO de futebol com uma iluminação superada e fugindo ao recomendado pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Quem achar que não, deve — urgentemente — conhecer da legislação esportiva nacional implantada desde 1941.

Quinta:

O "Albertão" abriga uma série de coisas imprescindíveis à construção do Estádio. Aliás, o nome foi dado por mim e pelo companheiro Didimo de Castro (ele, em primeiro lugar, teve a idéia). O Governador apenas entusiasmou-se porque é obrigação do Governo do Estado construir locais convenientemente preparados e dotados de todos os recursos para o atendimento às classificações do desporto popular. O "Albertão", para se ter uma idéia em como será ele construído e entregue ao povo teresinense, comportará alojamentos para atletas e visitantes; departamentos médicos e salas de Raio-X; restaurantes; salas de aulas, salão para conferências e auditórios; enfim, dentro da concepção moderna em exigir um Estádio e não um CAMPO de futebol.

Sexta:

Consideram muitos que o Lindolfo Monteiro remodelado e ampliado atenderá às necessidades desportivas de Teresina. Torna-se urgente comentar que o Lindolfo Monteiro é o único CAMPO de futebol no Brasil, mas em uma capital de Estado, que apresenta tudo para cercá-lo. Além do mais, os lances de arquibancada (reparem bem, apesar de não ser eu um engenheiro nem esteta), encontram-se no mesmo nível do campo de jogo. As áreas abandonadas porque nunca aproveitadas, não servem nem para "peladas" dos dentes-de-leite do nosso futebol. Os vestiários são acanhados e as gerais estão estragadas pelo uso. Construído em 1943, aproveitando-se o antigo Campo de Marte, o Lindolfo Monteiro tem desafiado o tempo servindo para todos e para tudo. As competições colegiais e militares; os jogos suburbanos e amadores para não falarmos dos profissionais são ali realizados. A iluminação elétrica já supera-

da, foi inaugurada em 1961 sofrendo pequenos reparos. Não serve mais para a prática do futebol noturno. As arquibancadas de concreto não foram concluídas para aproveitamento total e a capacidade do Estádio se fôr demolido para construção completa (esse o argumento real para o ambiente atual de Teresina), não atingirá a 30 mil espectadores, isso se forem construídos lances completos por detrás das metas do campo de jogo, a fim de fazer-se um "anel", ligando-se as arquibancadas às gerais. Além disso, nos dias de chuvas, a lama prejudica a presença de torcedores e não há uma só dependência do Lindolfo Monteiro que acomode bem os aficionados. Em todos os locais, o "molhado" é evidente. A Prefeitura de Teresina não dispõe de recursos para dotá-los de dependências confortáveis e não seria lógico que Teresina continuasse somente dispondo de um Estádio.

Sétima:

Ninguém pretende o "Albertão" cheio; entupido de torcedores. A não ser em jogos de grande envergadura técnica e assim mesmo, quando houver necessidade da invulgar capacidade do jogo de futebol. Sabem por que? O maior Estádio do Mundo é o Maracanã, no Rio de Janeiro. Sabem quantas vezes ele ficou cheio, em 22 anos? 6 vezes. O Morumbi, em São Paulo nunca ficou cheio de torcedores. O Mineirão, apenas uma vez, depois de construído em 1965. Desejamos o "Albertão" apresentando condições para abrigar milhares e milhares de torcedores pobres em jogos de categoria média a Cr\$ 1,00 nas gerais confortáveis e em jogos de boa marca técnica a Cr\$ 2,00 nas arquibancadas, coisas que o Lindolfo Monteiro não pode oferecer, porquanto para arrecadar-se bem no CAMPO da Prefeitura, tem-se que aumentar o preço dos ingressos. É justa essa medida que afronta a bolsa do povo? Já que futebol "association" e desporto popular é, em Teresina, os pobres — na grande maioria — pagam ingressos aos "olhos da cara", isto é, a preços exorbitantes e os ricos entram de graça, não sabendo nem como explicar os favores a eles concedidos. O "Albertão" tem que convocar os homens das gerais e arquibancadas a preços módicos e convincentes proporcionando-lhes conforto e comodidade. Não aquilo que se vê no CAMPO da Prefeitura em dias de sol ou de chuva. A alegação de que muitos Estádios no Brasil vivem vazios, depende da maneira como organizarem o calendário de jogos em uma temporada anual. Nada mais do que isso.